

Joaquim Vieira

**Francisco Pinto Balsemão**

Biografia

«Acho que seria divertido eu dirigir um jornal.»

Charles Foster Kane, em carta ao seu conselheiro financeiro

«Não basta dizer o que um homem fez. É preciso dizer quem ele era.»

In *Citizen Kane*, de Orson Welles (1941)



# Índice

Introdução – Declaração de interesses . . . . .	11
Prólogo – O momento decisivo . . . . .	17
Capítulo 1 – Berço de ouro . . . . .	21
Capítulo 2 – Direito e o resto . . . . .	37
Capítulo 3 – No aparelho do regime . . . . .	49
Capítulo 4 – O jornal da família . . . . .	69
Capítulo 5 – A tentativa reformista . . . . .	93
Capítulo 6 – A perda da inocência . . . . .	119
Capítulo 7 – O filho natural . . . . .	139
Capítulo 8 – Um semanário chamado <i>Expresso</i> . . . . .	161
Capítulo 9 – As ameaças . . . . .	189
Capítulo 10 – Quando tudo mudou . . . . .	217
Capítulo 11 – O caminho do poder . . . . .	255
Capítulo 12 – Um acaso da História . . . . .	285
Capítulo 13 – Em dose dupla . . . . .	309
Capítulo 14 – Poder sem glória . . . . .	341
Capítulo 15 – A queda . . . . .	375

Capítulo 16 – Retorno à sociedade civil . . . . .	401
Capítulo 17 – A aventura da SIC . . . . .	439
Capítulo 18 – A grande nau . . . . .	477
Capítulo 19 – Passagem de testemunho . . . . .	511
Epílogo – O ator improvável . . . . .	545
Bibliografia consultada . . . . .	555
Índice onomástico . . . . .	559

## Introdução

### **Declaração de interesses**

Durante perto de 15 anos, fui funcionário de Francisco Balsemão. Entrei como jornalista para o quadro do *Expresso* a 1 de fevereiro de 1981, era ele primeiro-ministro e Marcelo Rebelo de Sousa diretor do jornal, e saí a 30 de setembro de 1995, com o proprietário a presidir a um grupo de comunicação social que entretanto lançara a SIC e José António Saraiva a liderar a publicação. Pelo meio, fui diretor-adjunto durante quatro anos, tendo-me demitido por causa da elaboração de uma notícia que terá chocado com os interesses do patrão.

Nesta circunstância, quando a Planeta me convidou para produzir a presente biografia, ponderei se deveria aceitar o desafio, porque, por um lado, se colocava a questão da objetividade e, por outro, a da interpretação que os leitores poderiam fazer do que eu escrevesse. Se no semanário de Balsemão publiquei uma informação que lhe seria incómoda (embora confiado nas garantias de independência que sempre transmitira aos jornalistas que para ele trabalhavam), concluí que seria agora capaz de manter o distanciamento necessário para que este livro seja apenas aquilo que eu acho dever ser: um relato tão isento quanto possível de um percurso de vida que vale a pena ser contado. É claro que não existe a objetividade a 100 por cento, apenas um esforço para a atingir – e isso tenho a consciência de ter feito. Os leitores serão, evidentemente, livres de tirar as suas conclusões.

Não estabeleci sequer com Balsemão uma relação pessoal tão estreita que pudesse vir a obnubilar o equilíbrio que procurei para este texto. Só

frequentei a sua casa na Quinta da Marinha por razões profissionais (e acompanhado por colegas), com jantar oferecido por ele (ou pela empresa do *Expresso*) no restaurante O Pescador, em Cascais. Talvez, quando ascendi à direção, ele me tenha convidado para almoçar na sua «cantina», o restaurante *Pabe*, junto às instalações originais do jornal, mas disso não me recordo – muito menos, a ter existido, do diálogo (à época, nunca me passaria pela cabeça que viria a escrever esta biografia). Foram escassas as conversas que tive com Balsemão no seu gabinete do *Expresso*, e do que mais me recordo foi do conselho que, nessa sala, uma vez me deu para aprender a gerir o tempo – coisa que ele sempre praticou de forma magistral e de onde eu nunca soube retirar lições.

Quando me coube a responsabilidade de fechar a primeira página do *Expresso* – um ritual solene de cada sexta-feira –, Balsemão tinha por hábito telefonar a saber quais eram os grandes títulos que iriam aparecer na manhã seguinte. Notava-se que não o fazia por qualquer desejo de controlar ou fiscalizar o que a redação andava a publicar, mas apenas pela curiosidade jornalística que sempre se manteve no seu espírito e cujo exercício ele deve ter abandonado com grande desgosto e nostalgia. Com uma vida pública muito ativa, costumava comunicar-nos com antecedência os eventos da sua agenda, para efeitos de publicação, e que nós, as mais das vezes, ignorávamos, porque não achávamos relevantes como notícia e porque não queríamos dar a ideia de que o *Expresso* andava a fazer fretes ao patrão. Notava-se que ficava ressentido, mas refreava-se de comentar, não fossem acusá-lo de andar a interferir no conteúdo editorial. Só que, por vezes, lá saía qualquer coisa entredentes, que em nós, habituados à sua tolerância, entrava por um ouvido e saía por outro.

Certa vez, já eu estava na direção, em viagem ao serviço do jornal, encontrámo-nos por acaso no aeroporto de Madrid a poucos minutos de embarcar no mesmo avião de regresso a Lisboa. Tendo chegado mais cedo, e porque havia disponibilidade de lugares no aparelho, eu tivera tempo de mudar o meu bilhete de classe turística para executiva sem qualquer acréscimo de custo. Balsemão não o pôde fazer, e foi um pouco insólito eu viajar numa confortável cadeira da frente enquanto o patrão teve de fazer todo o voo encolhido em económica. Com a sua lendária

tendência para contar os tostões, quando chegou ao escritório, não deixou de inquirir dos serviços por que carga de água eu viajava pelo *Expresso* em executiva.

Esta não é uma biografia autorizada (género que, aliás, não pratico). Como achei que me competia, escrevi ao biografado – gracejando que tinha a sua vida nas minhas mãos – para o convidar a confiar-me as memórias pessoais. Declinou, nos seguintes termos: «Nos últimos anos, tenho sido contactado por diversos jornalistas e escritores, alguns dos quais muito prezo, e por algumas editoras, para efeitos de publicação de uma biografia minha. A minha resposta, de um modo geral, tem sido negativa, ou, se quiser, tem sido um *nim*, e, por isso, a fila de espera é longa. Porquê? Porque ainda não perdi a esperança de ser eu a escrever algo de parecido, chamemos-lhe um livro de memórias (que terá, como é natural, um carácter autobiográfico), e confesso que recebi recentemente a proposta de uma editora que me parece bastante desafiante.»

Porém, na mesma troca de mensagens, Balsemão deu-me uma preciosa autorização para proceder à consulta de alguns arquivos com informação a seu respeito. Por isso lhe expresso a minha gratidão.

Também todos os membros da sua família, passada ou presente, que contactei, direta ou indiretamente, recusaram prestar-me depoimento. Refiro-me à sua primeira mulher, Maria Isabel Costa Lobo Cardoso (Belicha ou Belixa), à mãe do seu filho natural, Isabel Maria Supico Pinto da Cunha d'Eça, à sua segunda mulher, Maria Mercedes Aliu Presas Balsemão (Tita), e aos seus cinco filhos, Mónica, Henrique, Francisco Maria, Joana e Francisco Pedro. Um primo com quem trabalhei no *Expresso*, António Torres Pereira, aceitou, num primeiro contacto, almoçar comigo para me falar do mais ilustre membro da família, mas, após vários adiamentos, acabou por desistir, alegando que não tinha tempo para procurar os papéis. Teresa Aliu Presas (Tati), que Balsemão namorou antes de casar com a irmã, e que foi minha colega de redação no jornal, disse-me que, «obviamente», não iria falar do cunhado.

Compreendo o desconforto dos familiares. Balsemão teve, como se verá, uma vida íntima rocambolesca, e as conversas sobre o tema seriam demasiado incómodas para partilhar com estranhos a perguntarem coisas sobre as quais é melhor não responder.



Mais curiosa foi a atitude de um dos maiores amigos de vida de Balsemão, o advogado e professor de Direito André Gonçalves Pereira. Num primeiro contacto, mostrou-se inteiramente disponível para falar comigo, mas, ao início da manhã do dia que tínhamos marcado para a entrevista (11 de janeiro de 2016), telefonou-me a cancelar o encontro, pois resolvera que não iria prestar quaisquer declarações. Perplexo, perguntei-lhe o motivo, ao que se limitou a responder: «É por razões que só a mim dizem respeito.»

Quanto a Marcelo Rebelo de Sousa – outra personagem incontornável quando se fala do percurso de Francisco Balsemão –, foi taxativo logo no contacto inicial: «Preferi poupá-lo ao meu testemunho sobre FPB. Que nem seria, necessariamente, negativo. Apesar de, hoje, nos saudarmos civilizadamente, e, de vez em quando, ele me falar mesmo com cordialidade, acho mais assisado refrear a minha usual veia extrovertida. Sinal de velhice? Provavelmente!» Tendo esta resposta (por *e-mail*) sido dada a 8 de janeiro de 2015, fiz-lhe ver logo que o livro nunca seria publicado antes da campanha presidencial prevista para um ano depois, não fosse ele temer alguma interferência numa sua eventual candidatura a Belém (então ainda apenas putativa, mas que estava a ser, na aparência, bombardeada pelo líder do PSD, Pedro Passos Coelho, ao rejeitar o apoio a um candidato que fosse um «catavento de opiniões erráticas»). A palavra final veio dois dias depois: «Não tem nada a ver com eleições ou candidaturas, aliás consabidamente rodeadas da confusão própria de um partido e de uma área política à deriva... É uma decisão minha, própria da velhice: abstrair de factos e pessoas e suas circunstâncias pretéritas. Para que a memória tenha capacidade de alojamento de mais matéria nos anos – quinze a vinte, no máximo dos máximos – restantes, é preciso que vá criando espaço para isso...»

Pelo contrário, dezenas de outras pessoas, cujos nomes (na sua maioria, já que algumas preferiram o anonimato) o leitor irá descobrindo ao longo do livro, entenderam partilhar pelo menos parte da memória dos seus encontros com Balsemão, e a todas é devido o meu reconhecimento por tão generosa disponibilidade.

*Last but not least*, este livro não seria o que é (e era certamente menos interessante) sem o inestimável trabalho de investigação da Luísa

Amaral, que chamei para minha secretária quando estive na direção do *Expresso*, estabelecendo-se entre nós, desde então, uma amizade e um entendimento e cumplicidade profissionais que nunca esmoreceram. Vai para ela o mais profundo dos meus agradecimentos.

A todos aqueles com quem partilho a minha vida privada, as minhas desculpas pelas ausências que a elaboração de um livro como este sempre provoca e o meu obrigado por ainda se manterem próximos.



## Prólogo

### O momento decisivo

«Aspiramos, coerentemente, a contribuir para que se alcance em Portugal a liberdade de informação: liberdade de informar; liberdade de ser informado», escrevia Francisco Balsemão, a 6 de janeiro de 1973, no principal editorial do primeiro número do *Expresso*, o semanário que acabara de fundar e de que era proprietário.

Seria uma frase banal, um truísmo numa sociedade contemporânea, se Portugal não vivesse à época – e desde há quase meio século – sob uma ditadura que perseguia com ferocidade a liberdade de imprensa.

O lançamento do *Expresso*, projeto de que Balsemão, então com 35 anos de idade, aparecia como cabeça (e principal investidor, com 51 por cento do capital), constituía tão ousado repto ao regime que só um homem destemido ou um louco pensaria em criá-lo e responder por ele. E no entanto ali estava o seu nome isolado no cabeçalho, filho único de uma família de tradições conservadoras, com o cargo de diretor de um jornal que não se resignava ao *modus vivendi* com que a restante imprensa de difusão nacional (mesmo que ligada à oposição) se acomodara no relacionamento com a censura oficial (então eufemisticamente designada como Comissão de Exame Prévio).

O *Expresso* assumia-se com clareza como uma pedra atirada ao pântano de águas fétidas em que degenerara o «Estado Novo», agora já sem a liderança do seu fundador, António de Oliveira Salazar, substituído que fora anos antes, devido a doença irreversível, por um Marcello Caetano incapaz de superar os múltiplos bloqueios do regime.

A degradação não tornara a ditadura menos belicosa. Pelo contrário, a sensação de decadência acirrara os ânimos do aparelho repressivo, e o *Expresso* sentiria na pele a descontrolada agressividade persecutória de um conjunto de censores que chegaram a ameaçar a própria existência do periódico.

É claro que Balsemão, herdeiro de vasta fortuna familiar, não estava sozinho no empreendimento. Era apoiado por um conjunto de investidores que asseguravam os restantes 49 por cento do capital da sociedade proprietária do jornal. Mas, para todos os efeitos, as obrigações empresariais, editoriais e jurídicas recaíam sempre sobre a sua figura.

Havia também uma reduzida equipa de uma dezena de jornalistas que tratava de produzir o conteúdo semanal do jornal. O que, porém, interessava nesse grupo era sobretudo quem escrevia as matérias de natureza política, e aí avultava a figura do assistente universitário Marcelo Rebelo de Sousa, licenciado pela Faculdade de Direito de Lisboa (FDL) dois anos antes. Rebelo de Sousa pertencia ao que ele mesmo classificará mais tarde como a «juventude marcelista em rutura»<sup>1</sup>. O seu nome próprio era aliás uma homenagem do pai – Baltazar Rebelo de Sousa, então ministro da Saúde e Assistência, das Corporações e Previdência Social – a Marcello Caetano, de quem há muito se constituíra indefetível admirador e colaborador, evidenciando o caldo de cultura política em que se desenvolvera o jovem jurista. Este, que verá no *Expresso* uma «ponte entre a oposição democrática» e os desiludidos do marcelismo<sup>2</sup>, fora recrutado por Balsemão como administrador-delegado da empresa proprietária do semanário, mas o diretor cedo percebeu que a ambição do hiperativo filho do ministro Rebelo de Sousa era lidar com informação política confidencial que, mercê dos seus conhecimentos no seio do regime, angariava com facilidade. Balsemão passou-o por isso a jornalista (não sindicalizado), destacando-se as suas prosas informativas e analíticas na segunda página e as notas comentadas ou irónicas que redigia para a secção «Gente» sobre pequenos episódios políticos, tudo sempre recheado com

---

<sup>1</sup> Marcelo Rebelo de Sousa, *Baltazar Rebelo de Sousa – Fotobiografia*, 2.<sup>a</sup> edição, Bertrand Editora, Amadora, 1999, p. 347.

<sup>2</sup> *Ibidem*.

muita informação de bastidores e – para os bons entendedores, para quem meias-palavras chegavam – sujeito a dupla leitura. Contudo, Marcelo Rebelo de Sousa protegia-se no anonimato, não assinando as peças mais sensíveis ou recorrendo a pseudónimos, por vezes apenas umas iniciais, pelo que Balsemão, aos olhos da opinião pública, mantinha-se como o solitário responsável pelo jornal.

O proprietário do *Expresso* tinha ainda de lidar com outras situações igualmente complexas. Também ele era um dos desiludidos do marcelismo, tendo apostado em 1969 na sua entrada para a Assembleia Nacional (AN) – um arremedo de parlamento da ditadura –, integrado num grupo de deputados – a «ala liberal» – que acreditava ser possível mudar por dentro o regime, no sentido da sua progressiva democratização. Missão impossível, como todos eles concluiriam ao fim de dois anos. Alguns desses deputados – com destaque para o mais proeminente membro da ala liberal, o advogado português Francisco Sá Carneiro, que em São Bento se tornaria amigo de Balsemão – renunciaram ao mandato parlamentar, mas o seu colega de bancada agora editorialista entenderia dever cumprir toda a legislatura, que terminava em finais desse ano de 1973.

No hemiciclo, Balsemão e os restantes adeptos da democratização eram sujeitos a uma intensa barragem de fogo por parte dos «ultras», os salazaristas mais empedernidos, confiantes de que haviam conseguido desbaratar a ala liberal e procurando acentuar essa vantagem. A resistência passaria então para o *Expresso*, onde Balsemão acolheria alguns dos mais destacados deputados «liberais», à frente dos quais Sá Carneiro – titular de uma crónica semanal desde a edição inaugural –, como ainda o professor de Medicina João Pedro Miller Guerra, o advogado Joaquim Magalhães Mota ou o açoriano e também advogado João Bosco Mota Amaral.

Apesar de viver no fio da navalha, Balsemão nunca abandonava a gentileza que era a marca da sua personalidade, a descontração de quem parecia estar num permanente chá dançante – desconcertante para todos aqueles que sabiam das tensões a que estava sujeito.

E era-o ainda mais porque também a sua vida sentimental estava num caos. Num processo que começava a causar escândalo na pacata elite social portuguesa, separara-se pouco antes da sua mulher, que optaria

mais tarde por passar a viver com o conhecido apresentador de TV Carlos Cruz, levando os dois filhos de ambos. Sem que houvesse divórcio decretado – difícil, aliás, de conseguir no Estado Novo para os matrimónios católicos, devido à Concordata assinada entre Salazar e o Vaticano –, não podia casar com a mulher com quem então vivia, Maria Mercedes Aliu Presas (Tita para os amigos), a qual colaborava no *Expresso* produzindo, sob pseudónimo, o problema semanal de palavras cruzadas.

Como se as complicações não chegassem, Balsemão lutava então nos tribunais contra um processo que lhe fora movido com vista a forçá-lo a assumir a paternidade de um menino nascido três anos antes e que ele, na instância judicial, jurava a pés juntos não ser seu filho. A queixa ganhara contornos ásperos, com a mãe da criança a acusar Balsemão de a ter querido obrigar a fazer um aborto na Suíça, pagando-lhe para o efeito todas as despesas. Além de negar esta alegação, ele contrapunha a suposta promiscuidade da mulher, o que, a confirmar-se, numa época em que ainda não existiam testes de ADN, tornaria impossível determinar ao certo quem seria o pai.

A circunstância de a mãe do miúdo ser filha de uma das principais individualidades do salazarismo, presidente há mais de 15 anos de um proeminente órgão do aparelho de Estado, dava ainda maior projeção ao processo de paternidade – embora ao mesmo tempo também servisse de proteção, já que a censura impediria a difusão de notícias sobre o caso, sempre incómodas para quem nele aparecesse envolvido. Não se podia excluir sobretudo o risco de a extrema-direita vir a usar informações dos autos para manchar a reputação de um deputado incómodo que, para mais, se atrevera a criar o *Expresso*.

Foi neste contexto que Francisco Balsemão atravessou aquele que terá sido o mais dramático período da sua carreira pública. O desfecho desses meses cruciais, difíceis e perigosos, seria determinante para defini-lo como uma das figuras mais influentes e poderosas da sociedade portuguesa.